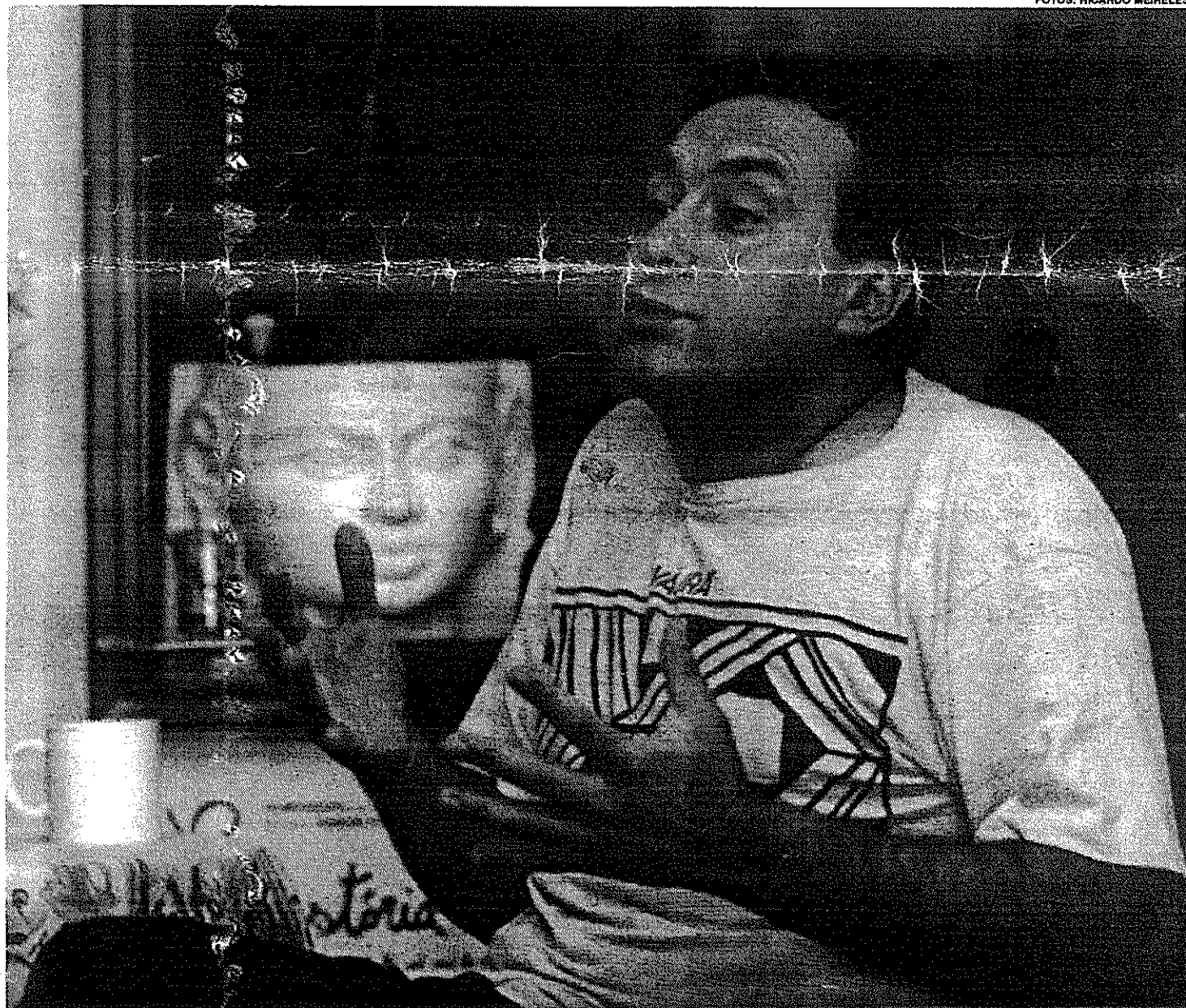


José Manuel Simões, «um poeta da vida»

FOTOGRAFIAR É FAZER AMOR, ESCREVER É TER O FILHO

É jornalista de profissão, mas um poeta de alma. Se lhe perguntam se se considera um trovador, responde: «O que é um poeta? Se o poeta é aquele que consegue transpor as emoções de forma profunda, total e despida, acho que sim!». Com paixão e intensidade, fala das coisas que lhe são mais queridas e gesticula de forma a enfatizar a linguagem verbal. Cita Roland Barthes e define perfeitamente a fotografia: «Tu conservas o que não se repete na existência para a eternidade». Acredita que uma boa imagem passa pela aliança entre «a proximidade da acção de Robert Capa e o instante decisivo de Henri-Cartier Bresson», os dois carismáticos fotógrafos da Agência Magnum.

Assumindo não gostar de se expor demasiado, não se inibe ao comparar o acto da escrita ao acto de fotografar: «Fotografar é como fazer amor, escrever é como ter um filho». Do Brasil guarda «a coisa da libertação». Daí ser um «marco insuperável e eterno»:



FOTOS: RICARDO MEIRELES

O NORTE DESPORTIVO – Licenciou-se em Jornalismo Internacional, na Escola Superior de Jornalismo do Porto. Qual pensa ser a importância de um curso superior na área da Comunicação Social?

JOSÉ MANUEL SIMÕES – «É a forma de criar um estatuto para que o jornalista se possa reger profissionalmente numa base teórica. Esta dá um sustento para que depois se desenvolva um trabalho profissional com mais seriedade. Muitas vezes, os jornalistas são formados noutras áreas. Com os cursos superiores que existem no mercado, deve haver

um alerta por parte de administrações e direcções dos jornais para a obrigatoriedade de os profissionais terem uma formação na área da Comunicação Social. Se os médicos têm de fazer um curso para ser médicos, diria que os jornalistas têm de fazer um curso para ser jornalistas».

ND – O que pensa então do facto de pessoas com curso superior de, por exemplo, Medicina ou Economia escreverem sobre esses temas em vez de serem jornalistas a fazê-lo?

JMS – «Acho muito bem, desde que seja sob a forma de crónicas. Ou seja, convidados

que escrevam na sua área de especialização. Por exemplo, médicos que saibam escrever e que tenham uma especialização num determinado âmbito da Medicina. Mas sendo sempre médicos e não passando a ser jornalistas».

ND – Era mesmo na área de Jornalismo Internacional que gostaria de ter feito a licenciatura, ou gostaria de ter tido outras opções?

JMS – «Seria importante haver um maior leque de opções para os alunos poderem escolher uma vertente de trabalho que depois poderiam desenvolver, como Jornalismo Político, Cultural ou Desportivo. Seria impor-